

O EXÉRCITO PRUSSIANO E O PENSAMENTO MILITAR FRANCÊS NO SÉCULO XVIII

“Se durante uma campanha, um soldado der indícios de que deseja fugir ou sair de linha (...) o oficial que estiver por detrás dele deve atravessá-lo com a sua baioneta e matá-lo na hora”.

*“Acima de tudo, o soldado raso nunca deve ter permissão para pensar. Ninguém raciocina, todos obedecem”.*¹⁹

Frederico II, rei da Prússia

O Reino da Prússia surgiu em 1701, fruto da reunião de diversos territórios esparsos, situados no norte do Sacro Império Romano, anexados ou conquistados pela dinastia dos Hohenzollern. O primeiro rei prussiano, Frederico I, estabeleceu como capital de seu reino a cidade de Berlim.

Em 1713, Frederico I foi sucedido por Frederico Guilherme I, que realizou profundas reformas: criou um corpo administrativo para difundir e fiscalizar as ordens reais, tornou o ensino primário obrigatório, saneou as finanças, estimulou atividades manufatureiras e colonizou áreas incultas. Tais medidas contribuíram para que a Prússia se tornasse um Estado respeitado na Europa.

O monarca prussiano também deu ênfase à modernização do exército. Os soldados passaram a ser prioritariamente recrutados no próprio reino, por meio do voluntariado e de um sistema distrital (cada distrito deveria obrigatoriamente fornecer determinado número de camponeses para o serviço militar, por tempo indefinido). Os oficiais provinham da nobreza (junkers), sendo instruídos em uma escola militar. O treinamento das tropas passou a ser exaustivo e minucioso, fazendo com que os soldados prussianos impressionassem pela regularidade de suas salvas de tiro e pela rapidez, simultaneidade e disciplina de seus movimentos conjuntos. O adestramento deveria condicionar os soldados a portarem-se como “autômatos” quando em combate, com a única preocupação de seguir as ordens de seus oficiais.

Em 1716, o rei mandou substituir, em todo o exército, a vareta de madeira do fuzil por outra de ferro, mais resistente, que permitia aos prussianos manuseá-la com menos cuidado, carregando, em consequência, seus fuzis com mais rapidez.

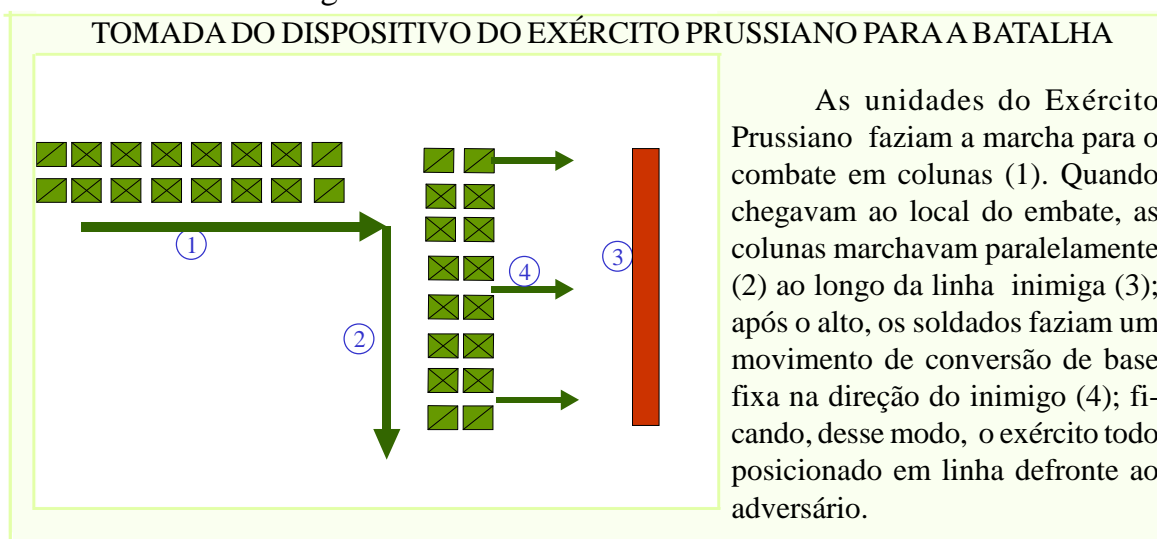
¹⁹ apud **História em revista**: a arte da guerra, 1993. p. 84.

Na época de Frederico Guilherme I, os comandantes militares prussianos priorizavam o fogo ao movimento. Para o assalto a uma posição inimiga, os soldados eram dispostos em três fileiras e atacavam a passo de marcha, para evitar desalinhamentos. Enquanto avançavam, disparavam, a comando, salvas regulares, visando atingir a formação inimiga com um volume denso de fogo. Para a salva, a primeira fileira de atiradores ficava de joelhos, a segunda em pé e curvada, e a última completamente em pé, de modo que todos pudessem realizar o disparo simultaneamente. Não havia grande preocupação em se fazer a pontaria, devido à imprecisão do armamento. Cerca de vinte passos do objetivo, os fuzileiros disparavam a última salva, para depois abordarem o inimigo à baioneta. Na defensiva, o dispositivo linear também era adotado, pois possibilitava a defesa de frentes extensas; era, no entanto, vulnerável a ataques pelos flancos.

O desenrolar da batalha era planejado de antemão. Devido à rigidez das formações, os comandantes tinham poucas possibilidades de interferir no combate depois deste começado. Tanto em uma ofensiva como em uma defensiva, os soldados eram obrigados a manter a coesão das fileiras, mesmo sofrendo cerrados fogos do inimigo. Isso só era conseguido por tropas altamente disciplinadas, o que explica o rigor a que eram submetidos os combatentes durante os treinamentos.

Para o tiro tenso, a artilharia prussiana foi dotada de canhões de diversos calibres, de bronze, alma lisa e carregamento antecarga; para o tiro curvo, existiam morteiros e obuseiros. Os projéteis utilizados eram redondos ou alongados, maciços ou ocos. Alguns, depois de disparados, explodiam sobre a formação adversária, lançando estilhaços sobre o inimigo.

Dependendo do calibre e do adestramento, as guarnições das peças de artilharia podiam disparar até três tiros por minuto. Os artilheiros procuravam aumentar o efeito dos projéteis, fazendo-os ricochetear; isso era conseguido por meio de inclinações dadas às peças. Os alvos dos canhões geralmente eram as compactas formações e os entrenchamentos inimigos.



A artilharia, porém, era bastante imprecisa e pesada. A maioria das peças, salvo as de menor calibre, permaneciam em suas posições durante o desenrolar da batalha. Em caso de retirada forçada, grande parte dos canhões permanecia no campo de batalha, caindo em mãos inimigas.

A cavalaria prussiana formava em esquadrões e carregava a galope, a fim de diminuir o tempo de exposição aos fogos do inimigo e aumentar o poder de choque. Era empregada normalmente contra os flancos do inimigo, depois destes já haverem sido abalados pelo fogo da infantaria e artilharia.

Em 1740, Frederico Guilherme I foi sucedido por Frederico II, que aumentou o efetivo do exército para cerca de cem mil homens, distribuindo-os em regimentos. O novo monarca, em suas campanhas, se mostraria adepto das batalhas decisivas, da guerra de movimento, da mobilidade, da iniciativa e das fintas (faria muito uso do terreno, da escuridão, de nevoeiros, a fim de dissimular suas manobras e ludibriar seus adversários). Além disso, antes de combater, mostrava preocupação em descobrir os pontos fracos do inimigo.

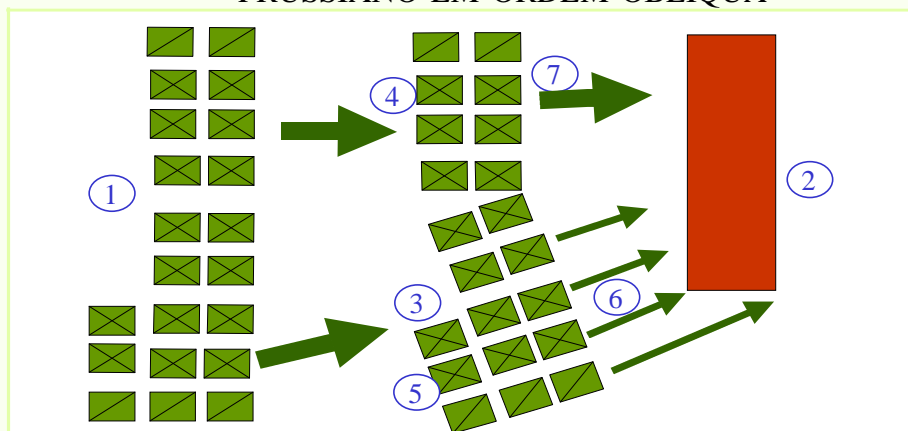
Ele foi um déspota esclarecido, que dirigia pessoalmente a administração, a política externa e o Exército Prussiano. Seguiu os mesmos princípios de seus antecessores: resguardar a Prússia de invasões e engrandecê-la. Devido a essa política, ao longo de seu reinado, viu-se envolvido em diversas guerras.

O monarca prussiano teve seu batismo de fogo na Guerra da Sucessão Austríaca. Este conflito teve origem em 1740, quando Carlos VI, dos Habsburgos, morreu,

FREDERICO II LIDERANDO SUAS TROPAS NA BATALHA DE LEUTHEN



TOMADA DO DISPOSITIVO DO EXÉRCITO PRUSSIANO EM ORDEM OBLÍQUA



A principal contribuição tática de Frederico foi a substituição da ordem paralela pela oblíqua. Após as tropas se posicionarem paralelamente (1) ao inimigo (2), os batalhões que estavam na ala de onde sairia o ataque principal posicionar-se-iam de forma oblíqua ao inimigo (3), enquanto a ala que executaria um ataque secundário manter-se-ia paralela ao adversário (4). Para a tomada do dispositivo em ordem oblíqua, normalmente um primeiro regimento, posicionado na extremidade da ala que executaria o ataque principal, avançava um pouco à frente do que estava a seu lado, esse um pouco à frente do terceiro, e assim se seguia. As reservas eram posicionadas à retaguarda do flanco que iria se engajar primeiramente no combate (5). Desse modo, esse flanco ficava mais forte do que o do adversário. Iniciado o ataque, as forças que estavam no flanco mais forte procuravam desbordar as linhas adversárias (6); enquanto as que estavam na ala mais fraca realizavam um ataque para fixar as forças oponentes (7). O inimigo, surpreendido, não tinha tempo para alterar o seu dispositivo a fim de enfrentar o ataque de flanco, sendo derrotado.

legando parte dos Países Baixos e os tronos do Sacro Império Romano, da Áustria, da Hungria e da Boêmia para sua filha Maria Teresa.

A nova soberana, no entanto, herdou também um exército pouco expressivo e um tesouro vazio. Tais fraquezas levaram muitos soberanos europeus a pressionarem-na. Carlos Alberto, Eleitor da Baviera reclamou a coroa do Sacro Império Romano para si, enquanto outros monarcas, entre os quais Frederico II, reivindicavam partes do território dos Habsburgos. Ela recusou-se a atender às reivindicações, recebendo, por isso, diversas declarações de guerra.

Em 1741, Frederico II se apoderou da rica região da Silésia, depois de vencer as tropas austríacas de Maria Teresa. Paralelamente, os franceses, com o apoio dos bávaros, ocuparam a Boêmia e parte da Áustria. Em seguida, em 1742, Carlos Alberto conseguiu ser eleito sacro imperador, sob o nome de Carlos VII (faleceu em 1745, passando o trono a Francisco I, que se havia casado com Maria Teresa).

As forças em guerra, porém, acabaram se equilibrando, pois os ingleses, que se encontravam em conflito contra a França, por questões mercantis e coloniais, resolveram apoiar Maria Teresa.

A guerra prolongou-se até 1748, quando foi assinado o Tratado de Aix-la-chapelle. Esse acordo não trouxe grandes mudanças nas fronteiras europeias. Maria Teresa cedeu alguns territórios, mas teve assegurada a sua permanência nos tronos da Áustria, Hungria e Boêmia, além de garantir a posse de parte dos Países Baixos. Quem obteve mais ganhos foi Frederico II, que conseguiu, pelo Tratado de Dresden, de 1745, a anexação da Silésia à Prússia.

Maria Teresa, no entanto, não se conformou com a perda da Silésia. Pensando numa revanche contra os prussianos, conseguiu forjar uma aliança com a Rússia, Saxônia, Suécia e França. Frederico II, preocupado, aliou-se à Inglaterra, que novamente estava em guerra contra a França.

As tensões resultaram na Guerra dos Sete Anos (1756-63). Dessa vez, Frederico II estava em desvantagem, cercado por oponentes que conjuntamente lhe eram muito superiores (Frederico dispunha de cerca de cento e cinquenta mil soldados, enquanto seus adversários poderiam reunir quatrocentos e cinquenta mil). Em face da situação, o rei prussiano resolveu vencer seus inimigos executando manobras em linhas interiores, ou seja, tomara a iniciativa, atacando rapidamente um inimigo de cada vez, sem deixar que seus adversários unissem suas forças. Isso poderia ser feito graças à maior mobilidade dos exércitos prussianos, que poderiam marchar rapidamente pelas boas estradas da Prússia, enquanto seus adversários teriam de percorrer lentamente grandes distâncias, por péssimos caminhos, se quisessem reunir suas forças.

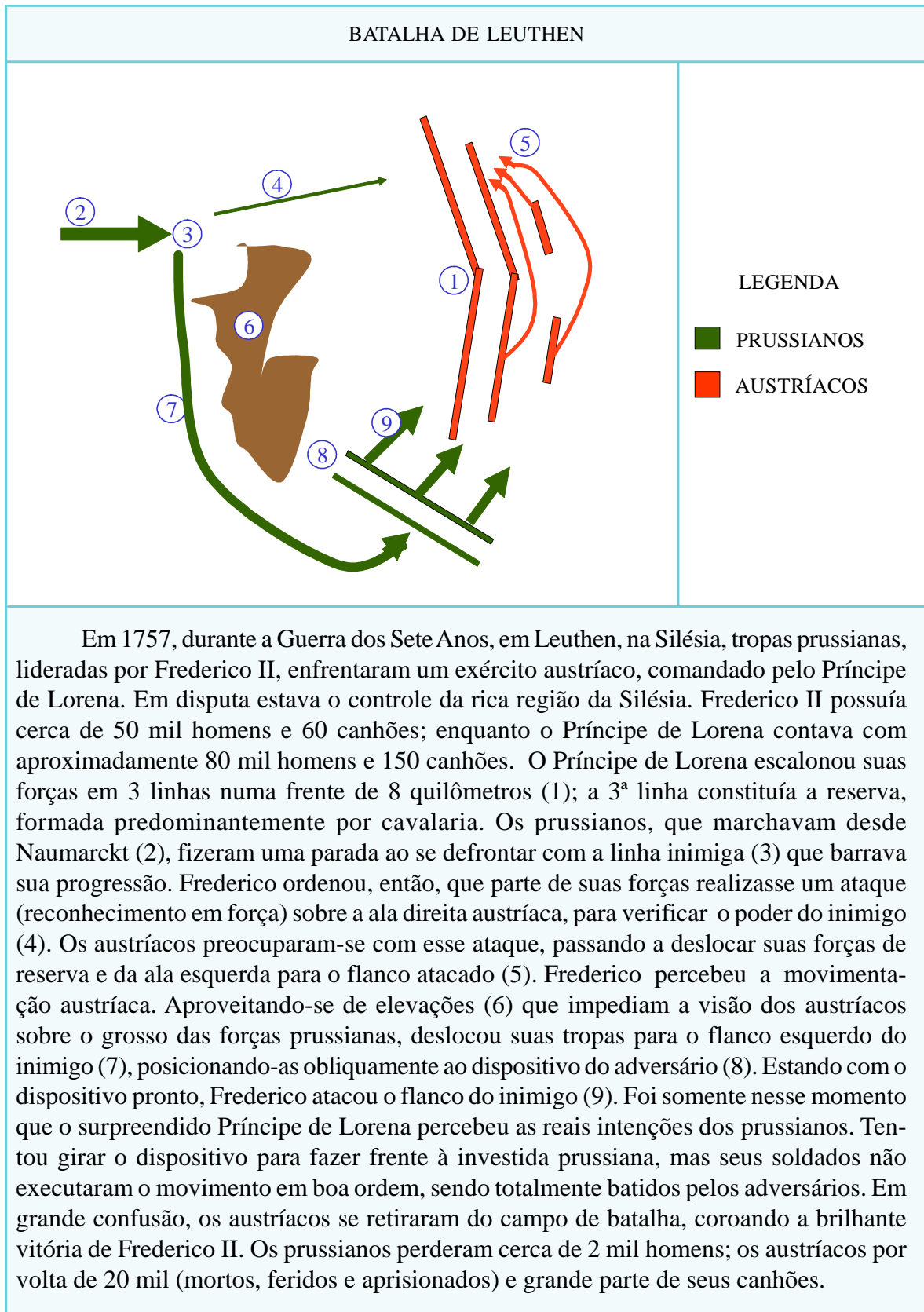
Frederico II tomou a iniciativa e invadiu a Saxônia em 1756, dando início à guerra na Europa (franceses e ingleses já se enfrentavam em outros continentes).

Ele não obteve inicialmente os resultados esperados, que visavam à subjugação da Áustria. Acabou, posteriormente, atacado em diversas frentes. Estando em situação difícil, passou a acorrer com o grosso de suas tropas para onde o perigo era mais iminente; conseguindo vencer espetacularmente batalhas como as de Rossbach, Leuthen e Praga, mas também sofrendo terríveis reveses, como os ocorridos nos combates de Maxen e Kunersdorf. Berlim chegou a ser ocupada duas vezes por tropas inimigas. No entanto, o rei prussiano, manobrando rapidamente, acabou libertando-a.

O ILUMINISMO E OS DÉSPOTAS ESCLARECIDOS

O Iluminismo foi um movimento intelectual que surgiu na Inglaterra no final do século XVII e atingiu seu auge na França no século XVIII. De maneira geral, seus adeptos pregavam o predomínio da razão, a tolerância religiosa, a igualdade social e a liberdade de expressão. Contestavam o sistema absolutista e o Mercantilismo.

Alguns soberanos absolutos europeus, entre os quais Frederico II, procuraram conciliar ideias iluministas a suas práticas governamentais, desde que isso não interferisse em seu poder absoluto, tornando-se conhecidos como déspotas esclarecidos.



Estando os beligerantes esgotados, em 1763 foi firmado o Tratado de Paris, que apontava para uma vitória anglo-prussiana. Os franceses tiveram de ceder para a Inglaterra o Canadá, o Vale do Ohio, territórios na margem esquerda do rio Mississipi, ilhas nas Antilhas e o controle da Índia. A Espanha, que tardiamente entrou na guerra ao lado da França, perdeu a Flórida para os ingleses, mas, para compensar, recebeu dos franceses a Luisiana.²⁰ Maria Teresa teve de reconhecer o domínio prussiano na Silésia de forma definitiva.

Em 1772, Frederico aumentou o território prussiano ao participar, juntamente com os soberanos da Áustria e da Rússia, da primeira partilha da Polônia. Quatorze anos depois, faleceu, deixando a Prússia como uma prestigiada potência.

Também no século XVIII, na França, estrategistas e pensadores começaram a refletir sobre as razões que levavam seu exército geralmente a fracassar quando se defrontava com tropas que seguiam os métodos de combate prussianos. A partir das análises, começaram a propor reformas na força terrestre francesa, algumas das quais seriam implementadas.

Inicialmente consideravam que os métodos mecânicos postos enfaticamente em prática no Exército Prussiano não se adaptavam ao espírito dos soldados franceses. Para compensar essa inadaptação, seria necessária a introdução de novas táticas no Exército Francês. Essas deveriam explorar falhas existentes nas práticas do Exército Prussiano e de outros que atuavam de forma semelhante. Verificaram, então, que as tropas prussianas e outras similares tinham dificuldades para tomar a formação em linha e atacar uniformemente. Para vencê-las, sem imitar seus métodos, seria essencial atacá-las antes que elas estivessem com o dispositivo pronto. O ataque deveria ser feito por meio de uma carga, em passo acelerado e em coluna, por soldados posicionados em ordem profunda, alguns portando lanças, que deveriam penetrar nas linhas adversárias, para dividi-las pelo choque. Desse modo, o movimento triunfaria sobre o fogo. Tal processo de combate sofreu muitas críticas, pois temia-se que as colunas fossem dizimadas pelo fogo antes que efetivamente conseguissem atuar sobre a formação inimiga. Na defensiva, concluíram que ainda caberia o posicionamento do maior número possível de homens em linha, por considerarem ser esta formação a mais adequada para se resistir a uma ofensiva inimiga.

Defendeu-se também a criação de grupos de atiradores dotados de equipamentos leves (caçadores), que atuariam de forma dispersa no terreno. Por iniciativa própria, disparando isoladamente, esses soldados atacariam as compactas formações da infantaria, as guarnições dos canhões e os flancos da cavalaria, visando a abalar o moral e desorganizar o inimigo. Durante a ação, os caçadores poderiam se abrigar no terreno, livrando-se das salvas da infantaria inimiga. Os caçadores também teriam condições de ser empregados para fazer a segurança das tropas que atacassem em coluna, até que

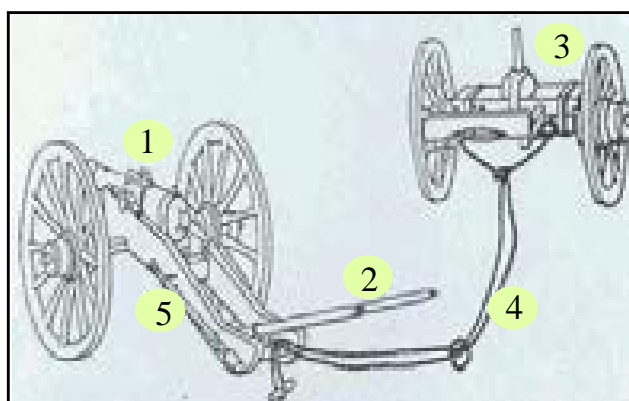
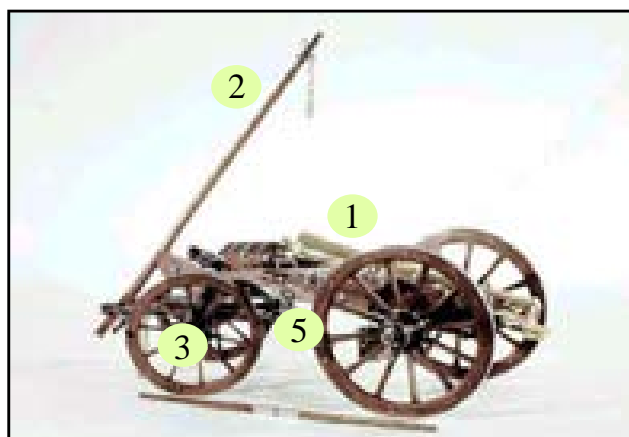
²⁰As colônias mudaram de mãos várias vezes, de acordo com os resultados das guerras entre os países europeus. Desse modo, a Flórida voltou a ser controlada pelos espanhóis em 1783, e a Luisiana pelos franceses em 1800.

estas entrassem em contato com as fileiras inimigas. Em 1766, ocorreu a criação oficial das companhias de caçadores, cada uma delas incorporando-se a um regimento.

Os oficiais franceses também entenderam que o uso das salvas de fogos necessitava ser flexibilizado. Sendo assim, o soldado deveria disparar à vontade, fazendo pontaria sobre alvos compensadores. Em 1776, o fogo livre, após a primeira salva, foi introduzido oficialmente no Exército Francês.

Nesse período, o oficial francês Gribeauval destacou-se por realizar importantes reformas na artilharia de campanha francesa, que a deixaram com maior mobilidade. Gribeauval tornou mais leves as peças de campanha, reduzindo-lhes o comprimento e a espessura. Adotou o timão, no qual atrelou cavalos em pares, em vez de um atrás do outro, como era usual. Passou a utilizar a prolonga (corda que liga a vários metros de distância a carreta ao armão). Tais inovações tornaram a tração mais eficaz, facilitando o deslocamento das peças em terrenos acidentados, a trote ou galope.

ASPECTOS DO SISTEMA GRIBEAUVAL



LEGENDA: 1. CANHÃO - 2. TIMÃO - 3. CARRETA - 4. PROLONGA - 5. ARMÃO

Gribeauval aumentou também a eficácia da artilharia, quadruplicando seu alcance (o projétil do canhão de doze libras, cerca de seis quilogramas, podia chegar a mil e duzentos metros). Os canhões começaram a ser confeccionados em tornos, e os oficiais habituaram-se a inspecionar as peças para verificar se estas não tinham defeitos que poderiam redundar em uma explosão acidental. Os canhões passaram a contar com dispositivos de pontaria dotados de alça e massa de mira, tornando-se mais precisos. Gribeauval acabou nomeado inspetor-geral da artilharia em 1776, e seu sistema foi adotado pelos franceses.

Quanto à cavalaria, consideraram os pensadores militares que esta deveria atuar preferencialmente em colunas, para abrir brechas na formação defensiva inimiga.

Em relação às forças morais, o conde de Guibert considerava que os exércitos deveriam ser formados por soldados amantes do solo pátrio, ao invés de serem constituídos por mercenários ou homens recrutados à força, que pouco ou nada sabiam sobre a causa pela qual combatiam. Chegou a tal conclusão após constatar o entusiasmo e a energia demonstrados pelos colonos norte-americanos, quando livremente lutaram pela independência de sua pátria. Guibert também preconizava que os exércitos deveriam viver dos recursos locais, libertando-se das restrições impostas pelo sistema de armazéns, o que possibilitaria a guerra de movimento e a supressão dos sítios.

Finalmente, de maneira geral, os pensadores franceses defendiam os movimentos flanqueantes, a superioridade de fogos e as concentrações de artilharia para desarticular as forças inimigas. Aconselhavam, também, o uso da guerra de movimento, a aniquilação dos exércitos inimigos e a busca pela batalha decisiva. Esta última poderia ser conseguida empregando-se os caçadores e as “divisões”. Se o adversário não quisesse combater e iniciasse uma retirada, poderiam ser lançados ao seu encalço as flexíveis “divisões” e os rápidos caçadores. Uma vez em contato com o inimigo, atacariam a retaguarda ou bloqueariam temporariamente a retirada do adversário, forçando-o a parar para tentar repeli-los. Em virtude dessa parada, o exército que se retirava perdia precioso tempo, podendo ser alcançado pelo grosso do exército que o perseguia, o que inevitavelmente resultaria em uma batalha.

AS “DIVISÕES”

O marechal Maurice de Saxe defendia o fracionamento do costumeiro exército monobloco em “divisões” de infantaria e cavalaria, nas quais seriam incluídos elementos de artilharia, engenharia e serviços, para torná-las aptas a executar ações independentes.

As “divisões” teriam flexibilidade para executar missões isoladamente, ou, se fosse o caso, poderiam se unir para atingir objetivos comuns. Seriam também mais manobráveis, o que facilitaria a realização de ataques aos flancos e à retaguarda do inimigo.

Victor-François, duque de Broglie, empregou experimentalmente, com sucesso, as “divisões” durante a Guerra dos Sete Anos. Seu amplo emprego, no entanto, só se daria durante a Revolução Francesa.

O sistema militar prussiano foi um exemplo para os demais exércitos europeus na segunda metade do século XVIII. Nesse mesmo período, porém, estrategistas franceses passaram a meditar sobre novas técnicas militares que fizessem frente à eficiência prussiana. As “divisões”, os caçadores, a ideia do combatente que lutava livremente por sua pátria, o sistema Gribeauval e outras inovações advindas dessas reflexões seriam logo postas em prática pelos líderes militares da Revolução Francesa e por Napoleão.

A INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

No século XVII, os ingleses estabeleceram povoações na América do Norte que deram origem a treze colônias (Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, New Hampshire, Nova Jersey, Nova York, Pensilvânia, Delaware, Virgínia, Maryland, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia). Na Guerra dos Sete Anos (1756-63), travada em diversas partes do mundo, os colonos norte-americanos ajudaram os ingleses a vencer os franceses na América do Norte.

A guerra arruinou as finanças da Inglaterra. Para solucionar esse problema, os ingleses impuseram diversos impostos e taxas às treze colônias. Os colonos norte-americanos consideraram os impostos e as taxas da metrópole abusivos e proclamaram a independência em 4 de Julho de 1776. O movimento, liderado pela burguesia, teve amplo apoio popular.

Os ingleses enviaram tropas para restabelecer seus domínios. Estas encontraram dificuldades em combater os milicianos norte-americanos, que, despreparados para travar batalhas convencionais, fervorosamente resistiram por meio de guerrilhas. Em 1776, os ingleses conseguiram capturar Nova York e a Filadélfia, mas foram derrotados, em 1777, na Batalha de Saratoga, o que animou os norte-americanos. Em 1778 e 1779, os norte-americanos ganharam, respectivamente, a adesão de franceses e espanhóis, que lhes apoiaram militarmente. Depois de muitos embates, os norte americanos, com mais experiência militar convencional, derrotaram os ingleses decisivamente na Batalha de Yorktown (1781), vencendo a guerra.

Em 1783, pelo Tratado de Paris, a Inglaterra reconheceu a independência das treze colônias, que, quatro anos mais tarde, passaram a se chamar Estados Unidos da América. George Washington, que liderou os patriotas norte-americanos na guerra de independência, foi o primeiro presidente. Em 1787, ficou pronta a constituição norte-americana, com fortes características iluministas. Ela garantia a propriedade privada, estabelecia o sistema de república federativa e defendia os direitos e garantias individuais do cidadão.

A independência dos Estados Unidos influenciou a Revolução Francesa e movimentos de libertação em outras partes da América.